

ESCRITÓRIO E EDIÇÃO

N. 44

Travessa do Ouvidor

2º Andar

NUMERO AVULSO

100 réis

# ORIO-NÚ

COLLAGEAGENS

Sachristão, Bock, Le Petit, Reporter, D. Satan, Martin I, Deatino, Lucas Tavares, Frix K. Bayo, Chico-Belo, Edison, Ricœur, Julião Valdemar, Pifarete, Dona Fina, Mauá, Gregorio Junior, Thereza, a Casta, Bock-Pier, Vosso Criado Mathias.

PERIÓDICO BI-MÊS  
CAUSTICO  
HUMORISTICO  
As quartas e sábados  
NUMERO ATRAZADO  
500 réis

## EXPEDIENTE

## Nú e Crú

As pessoas que, do interior, queiram ser assinantes do "Río Nú" devem remeter, em vale postal, a esta redacção, a importancia das assignaturas, com os respectivos endereços.

## TELEGRAMMAS

Serviço especial de todos os outros jornais e comentários também especial do "Río Nú."

PARIS, 21.—Estão em greve todas as costureiras do Bairro Latino

Ora ali está o que é um telegramma verdadeiramente incomum. Greve de costureiras & que nos anuncia o lo eléctrico. Mas, com frequencia, isto é mais portugue do que parco a primeira vista. Pode aquela frase ser enfermidade, eu não sei— talvez elas devam enfermar unha e tritam de desenfrijar unha.

ROMA, 21.—A rainha Taïtí, abandonada por Menelik fugiu para os domínios dos ras Manguzia, que enviou um ultimatum ao rei da Abyssinia, convidando-o a abandonar a cançonista Luise de Deslys recobrar Taïtí, ou a pegar em armas, para a guerra.

Esse seu Manguzia muda mais tem que fazer! Que diabo tem elle que meter a cavar entre o mundo e a natureza? E, depois, a mala extranha, o que é inaudito verificou Menelik a pegar em armas. Outra cosa não faz Menelik, ha muito tempo... a cançonista francesa que o digna...

PARIS, 23.—Por telegramma foi convidado o alfaiate Fortunato, da rua da Carioca 50, no Rio de Janeiro, a vir a Paris, ensinar como é que se deve saber do seu ofício.

Mais uma vistoria para o Fortunato. Brase, ótimo fortunato! Você é que é um homem.

ROMA, 24.—O estado de saúde do Papa é ruim.

Stephano! Não concorda com esse adjectivo, invocante quasi, e que indica de ser aplicado a S. Simão-Léo XIII. Stephano!... Ora voce já viu?

MADRID, 24.—D. Carlos, o pretendente, alista na fronteira um batalhão de mulheres, com que pretende derrotar as forças legais.

O telegramma não diz se as mulheres são voluntárias ou não; há de ser velha, isso não pode duvidar. Essa perfílio o governo! Com um batalhão de mulheres, não ha exercito que possa bater.

KUNSON.

RELECCAO  
Heitor Quintanilha, Gil Moreno  
e Vaz Simão

Assinatura para a Capital e Estados  
Anno ..... 128000  
Seis meses ..... 68000  
Extrangeiro, anno ..... 250000

## Parabens' pois, aos proprietários dos teatros, felicitações aos donos das boîtes.

VIUVA brancas em pardinhos, idêntico até os nomes, que preparam dia-a-dia de um solteiro de blade, dirigiu carta ao escritório desta folha, intitulada U. X., cada n.º 100.

Do Journal do Comércio.

E digam que o problema da miséria não encontra solução! Ofícios vividas brancas, o voo vivas que não são brancas, nem pretas, que representam a meio termo entre os extremos da cor, existirá! Aqui tens, neste modesto, inimigo, que o Destino, vestido de pagodeiro, coloca no lado do suggestivo anelio do Barreto U. X. do problema da vossa manutenção. Mas, curioso! que o vosso rosto, que a vivida e a miserica conchegam de rugas, não vos precise de haver ultrapassado o limite de idade traçado pelo nascimento.

O homem da pensão, quer que se a avipara viva vinha — Branca ou preta — mas não admite a conquista do bem oferecido, as que hajam dobrado o tormentoso rubro dos 36 annos!

\* Não tem fôrma de tempo a hora.

o Sendo, de Marília, publicado em leitoramento de boas-vindas, plus, trazendo o retrato de Luis Pistorini, um ligeito artigo biográfico sobre o poeta, escrito por Henrique Martílio, e algumas das suas composições inéditas, arranjadas a tres livres inéditos: *Douto Chaves* (poesia), *Preciosa da her* e *Roxadão*.

Entretanto, compõem-se dígitos nesse tipo de elogio, como o *Colégio, Oficina, Teatro, Sociedade, Mito*, oferecidos ao novo *collego, fortunado*, e endo que malha bela.

Pistorini é, evidentemente, um dos poetas mais respeitados da nossa gente.

(1º O P. 23, de 23).

E digam depois que o *Eugenio* é um ótimo jornal no gênero?

## O RIO Á NOITE

Notícias de bom fôrte, dizem-nos que tres teatros vão ser transformados em boîtes e é caso de grande perda para a applaudidíssima movimento civilizador que se vai operando nessa capital.

Comprehenderam, afinal, que essa causa de teatro era uma vergonha e convervir de certo modo para a degenerescência do costume que começava a accentuar-se na nossa sociedade, e não ignoraram os boîtes aquelas causas de perigo.

Muito bem! Bem disse o ex-professo, aquelle que tem um nome semelhante a phrasa desafada, que o teatro era uma inutilidade.

Nós precisamos de um povo forte, não queremos maricas nem debichos, as boas desenvolvem os músculos e engrandecem a popularidade, enquanto que os drams comedies e revistas condizem naturalmente no debicho.

O jogo das bigas, sim, são utrás por que trazem ómnisgo o jogo da ponte e a ponte é tudo nega terra.

## Parabens' pois, aos proprietários dos teatros, felicitações aos donos das boîtes.

Como a época é de barbaço, a empresa do Apolo, querendo dar-lhe presente real aos seus apreciadores, ofereceu-lhes o *Barreto*, preparado com creme por Moreira Stampolo e Aracio Antunes. A peça agradou e é provável que o Apolo não de é lucro ainda por muitos meses.

O Perreira, no Liceu, com uma companhia mais que regular e um excelente repertório, contudo inerente com a indiferença do público, que preferiu arriscar dois ou três novos bolados do Guarany, a assistir à representação de um bom drama; e que só esforça a baixar palmas pela vitoria de um ex-estrela e não viu aplaudir artistas como Adelilde Coutinho e Ferreira, que valem mais que todos os *bolardos* reunidos.

O que não, respondia a moça com pouca fermeza.

— Estaria disposto a levar a suave dileção alguma causa de morte grave!

De certo que sim, pois de contrario ele não levava tres dias seguidos sem vir. Era preciso matar-lhe saber ás cenas dello o que é que tinha havido, — não era preciso mandar saber! — intercalavam a Sinalha, — a noiva, e por isso a mais interessada.

— Que não, respondia a moça com pouca fermeza.

Que não é preciso, pois trata-se apenas de ocupações muito grandes... supunha que um serviço de escrita, muito urgente, no escritório em que ele era guardião.

Tinha-lhe faltado almoço, — romava:

Sinalha mentia,

Ele bem sabia o motivo, — útil, insignificante alias — mas o unico, e verdadeira, daquelle ausencia de tres dias feita pelo noivo, — elle que no entanto a estimava ardente, e para quem não havia prazer que se comparasse ao de estar no lado da hora e horas embebedo, todo em excesso, oblos, bicos nos seus olhos, — não comprintando a sua delicada nascença, — excitando-lhe termuras entorpecedoras no ouvido, sempre que por alguma instantânea deixavam suas abundantes, isso ha um amêijoia, desde que se começaram a gozar...

Mas Sinalha mentia porque o verdadeiro motivo daquelle ausencia de novio era de namorada a não poder ser revelado.

Estavam arrafados. O noivo subia zangado, protestando, como um cruel castigo, lever unhas das semirregular, porque:

Porque o ultimo vez em que estava em casa, quando depois do chafarrão todos para o termo subiram os pulmões de um penco do oxigenio para o campo, e sentiram-se um por outro, como cozinhamos, nas estomachas caducres de fulpo espalhado de loma, — elle chegava-se mais para junto della e fizera-lhe beijinho, suplice, carinhoso e insistente, nôo sei que pedido, mas que terminantemente recusou satisfazer.

— Pois não! Tontem foi sexta-feira!

— Porque perguntas?

— Porque passou toda a noite sentindo um choiro activo de bacalhau.

— E que ás crianças do vizinho te sajaram a cama...

— Não, a cama está limpa, bem limpa, o cheiro queijo que é do quarto.

— Pois não! O quarto limpolo é eu bem limpinho, é fio a tua cama.

— Ela é minha cama! Porque que botaste aqui sua cama leucó.

— Uma saia... Ah! já sei é uma saia da Hortencia.

— Malhito cheiro! Não me deixe dormir.

— Espero... Dormistes com a saia da Hortencia... logo havia de ser sexta-feira por força.

— E verdade, é verdade. Olha Gaspar si me dissesse isto hontem, tinha dormido perfeitamente.

— Patisse...

## CASTIGO

Faziam dia tres dias que elle não viaha velha, — com espanta da famila, tão habituada estarem aquelles visitas diarias do noivo de Sinalha, — durias e infelizes, com exactidão chatequistas, quer elas vesse a juntas, quer fosse só torrentes, hóspedes a que houvesse.

Estaria disposto a levar a suave dileção alguma causa de morte grave!

De certo que sim, pois de contrario ele não levava tres dias seguidos sem vir.

Era preciso matar-lhe saber!

A verdadeira causa, — o lado vil...

— O casamento do meu primo que é...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

— Não é verdade, — é que é um...

—

## THEATRO DO RIO NU

## POBRE HUMANIDADE

## LAMENTAÇÃO

Repertório de Edmundo Alves

Son furioso, son dinnado,  
Perque nôdina mulher fugiu,  
Saiu de casa e nôz passado;  
E nem de nôma se despediu,

Quando enfece qualquer homem  
Caser-se com nôdina é tristeza  
Digo : Huve nôdina em contado  
Ah ! Ah !

Pobre humanidade.

Não ha coisa tão mal pensada  
Que o casamento a valer.  
Si o homem dá uma cabeçada  
Todos tem deles que dizer.

Mas no contrario, se acontecer  
Um desastre à cara inclida  
Dizem : é pena que o marido...  
Ah ! Ah !

Pobre humanidade.

A mulher nunca está contente  
Com o que o marido lhe dá  
A's vezas torna-se exigente  
E diz que maltratada está.

E é um dia acontecer  
Que lhe falta a felicidade  
Ainda leva uns pafelicos  
Ah ! Ah !

Pobre humanidade.

Sempre mulher quer qualque cosa  
Vestido novo ou um chapéu,  
E o marido negar sua cosa.  
Por ter medo do escravo.

E querer com o reproxo  
Soffrir tudo com humildade,  
Sustentu capricho, luxo...  
Ah ! Ah !

Pobre humanidade.

A mulher quer ter dinheiro  
Não faz questão p'ra dispensar,  
E o homem leva o dia inteiro  
A trabalhar p'ra poder ter.

A quantia nôma é bastante  
P'ra tanta prudéndia  
Sôz costas por traz e diante  
Ah ! Ah !

Pobre humanidade.

La vem um dia em que a senhora  
Sôz doente não come nada  
O marido vai seu demora  
Dar-lhe um pouco de limonada.

Diz ella entô : meu Amorico  
Terás comigo a limonada  
De segurad est' essa fígela.  
Ah ! Ah !

Pobre humanidade.

## DUETTOS

## OBURACO

Entre boêmios

Estou Curtis, como vai o nosso theatro?

Out, homen, o que queres  
tu ? O Lucinda as moses com o  
Ferreira e a primeirissima actriz  
Adelaide Colombo ; o Recreio, idem  
idem com a primeirissima Pepa,  
o carrequinho Machado e o fan-  
dangosissimo Leonardo e a vis-  
cindesima Imenta Mattos ; o Va-  
riades e S. Pedro, a cosa, espe-  
rando o carnaval ; o Sant'Anna  
abandonado, até pelas proprias  
companhias infantis ; o Eden Li-  
trario embolado. Que diabo que-  
res ? E este o estadio lastimoso a  
que o theatro chegar, no Rio de  
Janeiro...

E verdade ; mas ainda não  
me fallaste no Apollo !

Oh ! agora me falles nisso !  
Então porque ?

Porque ?... Ainda perguntas ?

... !!!

Fica certo, meu velho, que é

esse "princípial" o que  
me entraõe !

— Coisa assim !

— Pode ser, só que os ar-  
tistas do Apollo olham para lá.

— Homem, parece-me identica  
a de todos os outros.

— Nem digas isso ! Estão, como  
todos os outros abandonados pelo  
público.

— Bem se vê que tu não per-  
cebes disto.

— Estava-me certo...

— Para te mostrar a diferença  
basta que te diga o seguinte : os  
artistas do Apollo deixam a *Sobrem-*  
*de* *lado*, deixam a *Mar-*  
*ca* *de* *lado*, deixam a *caixa*,  
deixam a *deba* e o *palco* em  
diferentes.

— Mais agora...

— E'... Mas agora esclarecendo  
o *Bolero* para poder viver !

— Terrível atíngio !

FRIL K. BYRNE

## MODINHAS BRAZILEIRAS

## BARCAROLA

O sol tombou. A noite  
distendeu o trevo mundo.  
A luna surge, entoando  
cavalo em seu palio !  
O mar é calmo. Agora,  
apenas suspirando,  
parece á tua amante  
contar a clara dor.

No azul do firmamento,  
estrelas fulgem bellas !  
Nos muiros pendem velas  
favonias vêm brumar !  
E como o mar n'areia  
descansa o ver a lua,  
em vendo a luar em tui,  
também hei de cantar !

Meu Deus, que noite angusta !  
Nô tardes, bella Arma,  
que a tua compadaria  
acende e meu vigor !  
Sen'ha fôrça, ditoso,  
se vejo a tua bela,  
com teu sorriso amado,  
tu rosto encantador !

A noite, que relvosa,  
em sono desdenha,  
tentar roubar me a vida,  
mas alguma me acordar,  
verd, de prompto, a fúria  
em vulto transformada,  
se tu, serâmas amado,  
lancares hei de ouvir !

Seindindo as crespos ondas  
as longas horas mareia,  
deitado no meu barco,  
mas anios de te ver !  
E a luna e estrelas,  
e o mar encantado  
que vezos tâm orando  
o nome meu dizer !

Se a noite é de tormento,  
se ruge a tempestade,  
se avulta a escuridão,  
se gome o vento alôia,  
se a morte avisto perto  
no fundo da vanguarda,  
sômente a tua imagem  
em meu socorro vem !

Agora ven' dizer me  
se tem de mim piedade,  
se a minha fidelidade  
já não te inspira horro !  
Oh ! Difene-nos estorvado  
Do que desengano em tempos !  
Ven' dirento no reino  
do pojor pesado !

Do *Canionário Popular*.

## OS ANJOS

No estúdio do plutor Álvaro, a  
palmeira vai animada. Lá está o  
poeta Carlos muito apreciado,  
umto elegante, encostado a um  
buffet renascentista, sacudindo o pé  
em que a polaina branca irradia,  
mordendo o seu mognolico *Heart-*  
*day* de trem mil réis. Mais afrente,  
o esculptor Jairo, amarrado  
inclinado para a viscondessinha de  
Mirantes e amarrando in-  
tendendo á seu bello collo desmodulado,  
faz-lhe uma prefiguração sobre o nome  
e a beleza ; e elas, agitando com  
impulso a legue japons, sorri,  
e eva, nella se elas malicioas,  
deixando o adinhar com escrupu-  
loso seu collo, — como para o desafiar

a dizer se a propria Vénus de Mito  
o possesse tão branco e tão perdo.  
No sofa, o romancista Henriqu  
discente nôdina de Wagner com Al-  
berto, — o mestre falso, enfe-  
tado por um sôphico anel de  
fazer um ruindoso sucesso. São  
dias de tarde. Serve-se o chá  
em linhas taças de porcelana chi-  
nese ; e os valires de crystal,  
beber o tom excesso do chás da Ju-  
niora.

Agora, parece que Jairo, o escul-  
ptor, arranca um galanteio mui-  
forte. Para a viscondessinha, co-  
cula, mordie os labios, e, para dis-  
fagar a sua camisola, contempla  
um quadro grande, que está na pa-  
rade do *álter*, cópia de Raphael.

Jairo, falando baixo, inclina-se  
para, ainda mais :

— Estão viscondeza, ento ?

Ela, para descer a conversa,  
pergunta uma banalidade :

— Diga-me, senhor Álvaro ! e  
senhor, que é plutar, deve saber  
isso. Porque é que, em todos os  
quadros, os anjos representados  
só com colagos e alas ?

De tanto a sujo da sala, suspen-  
de-se a conversa. Álvaro, corrado,  
responde :

— Nada mais falso, viscon-  
desa... queremos assim indicar  
que os anjos só têm espírito, da-  
mos-lhes unicamente a cabeça em  
que reside o pensamento e a ala  
que é o simbolo da immateriali-  
dade...

Mas o poeta Carlos, prezando  
uma longa fama do seu cheiroso  
*Heart-day*, adianta-se até a bôa  
dôda :

— Não é só isso, Álvaro, não é  
sôz isso. Vou dar á viscondeza a  
explicação desse caso.

Tomou um gole de chás e conti-  
nuation :

— Antigamente, nos primitivos  
templos da Biblia, os anjos não ti-  
nham apenas cabeças e alas ; tie-  
nhiam braços, pernas e tudo. Depois  
do inferno de Gomorrah, foi que  
Deus os privou de todo o resto do  
corpo, deixando-lhes apenas a ca-  
beça que é a sede do pensamento  
e a ala que é o simbolo da immati-  
erialidade...

— Depois do incêndio de Go-  
morrah ? — pergunta o plutor —  
porque ?

— Ah ! vê !

E Carlos, dirigindo-se a uma  
escrava, troux'numa Bíblia, abriu-a  
e leu :

— IX. Enfaz, como as alom-  
nadas daquela cidade malada, la-  
digamsem ao Solho, mandou elle  
que dois Anjos fossem converter os  
perversos e aconselhar-lhes que-  
ses dessejam de abusar das tor-  
pes da carne. X. E foram os  
Anjos, e batom a pôstea da ci-  
dade. XI. Os habitantes foram  
tão infames, que os deixaram em  
trair, e assim que o tiveram dentro,  
tumbaram os violentaram, abusando  
delles.

— Houve um silencio constrangido  
na sala...

E Carlos, fechando a Bíblia :

— Ah ! estô. E o Senhor, inven-  
ção e eterno, é para evitar que  
a sua alma continuasse a estar  
exposta a essas infâncias, determina-  
-o que, dalli em diante, elles só  
tivessem cabeças e alas...

— A viscondessinha, dando um mo-  
xido, murmurou :

— Shocking !

(Do *Livro de Bob*)

## SINE QUA NON

A tua longa carta ha pena recebida.  
E' tremendo a force libelo ancestral  
Que no meu amor proprio atiro larga  
ferida.

Leia-a, relate-a e torno a te-la indo entra-

vez, e as suas phrasas a'co como a resina-

to, e farinosa, filha ! o tez sanguineo as faz,

— São me bendizendo ! Tu para a descom-

pones, para a descompones.

Pra a desaforo, tens bastante habilidade;

Onde aprendeste aquelle estô de en-

comendas ?

Mas emdi, olha lá : queres que es seja

rei ! — Concede-me estô com liberdade

O que a tua rival a mim já consolou

— Um ingles casou-se e ergubia em  
sua casa um antigo arco de em-  
posta. Confidante delzava-lhe  
que a rainha era a mulher e seguia para  
a loba, soz que os meus servos sus-  
peitassem que assaltava o espírito.  
Vai d'ila, porém, entrando em casa  
encontrou o rapaz meigo com a  
loba na loba.

Flegmaticamente disse o ingles:  
— Senhor vergonha ! Você come de  
dia o que em fax de noite.

— Pois, todo delzava-lha,  
sem nenhuma poder constigo,  
quando da igreja a saída  
os bons paisas viram que ele,

— Inundavelmente pensava  
que se era forte, é que levava  
sob os ombros os chamas.  
Era a sua atrair, tentando,  
o seu verbo mimos, instantes,  
é por Deus. Nosso Salvador,  
o seu brilho de brilhantes.

— FOLHETIM EM PE

## ROSINHA

## NOVELLA SENTIMENTAL

POR

## Tolerância, o casto

Orcando a Bento, tinha nos olhos  
um estranho fulgor que crescia  
cada vez mais, notando se he por  
ultimo um sorriso neptuno-esque  
que entava talvez um perverso  
pensamento.

Quando Rosa se calou Bento  
que si a tinha feito sentar a seu  
lado, tocou-lhe as mãos docemente  
e com uma voz suave,

— E' bem verdade, Rosinha, o que  
te dizia a tua excelente mãe : os  
homens são maiores, devem fugir á  
sua fome, influencia, perigos e  
difícil de evitar para quem não  
esta preparado a oppôr uma  
barreira de suas malfatas tenta-  
ções. Bem simples é o meio de ar-  
rastar com casta contra o seu  
poder destruidor, mas é cheio de  
aparecidos sacrificios, que é pre-  
cisão não temer para conseguir  
vencer suas intuições. Preparada que  
seja poderosa enfrente os impa-  
tivas, pois terá uma coragem con-  
tra tudo o que encontre tentar em  
tua mal.

— Mas que sacrifícios reais ou  
apparecidos terá para conseguir  
o que almeja.

— E' cedo ainda para t'os in-  
dicar. Mas, se é animosa, e se não  
temos os sacrificios, logo, quando  
sua vida a vê honrada, cessando  
os rumores, quando todos repõem  
seus deuses afastados, trabalhos  
deixa a turca e vê ter aqui  
conquistado.

— Pois então, confia que tudo te  
fará sair e logo começarei a de-  
screver o que encobre este miste-  
rio. O que é preciso é que min-  
gues suspeito de tua vindia aqui.

— Pois bem, sr. padrinho, n'ningu-  
me verá e eu estarei aqui, como or-  
dem.

— Bem ; até logo.

Rosinha despediu-se do padre e  
seguiu para a casa assobiada em  
muitos pensamentos.

— Tendo, sr. padrinho, a inde-  
pendente me descer barriga para ver  
resolvido esto enigma.

— Pois então, confia que tudo te  
fará sair e logo começarei a de-  
screver o que encobre este miste-  
rio. O que é preciso é que min-  
gues suspeito de tua vindia aqui.

— Pois bem, sr. padrinho, n'ningu-  
me verá e eu estarei aqui, como or-  
dem.

Rosinha despediu-se do padre e  
seguiu para a casa assobiada em  
muitos pensamentos.

— Quando Jeca o matou,  
ta com ele em recato

Mato assassinado a Rosinha.

Dizia o Jeca : « Santinha

Tua recusa me obriga

Usar da força. Uma figura...»

Disse a Rosinha irripieta.

E furendo num careta

Por saibido de barriga.

BURUNDANGA

Desceu da varanda e foi no seu

encontro, Rosinha, pallida e tre-  
mula, encostou-se no seu braço.

— Que medo, Sr. padre, tens

que tem seguido e quase retomou o

canhudo de casa.

— Tolinha ! quem te poderia sa-  
grar a estas horas, quando isto a

natura parre dormir. Nada te

nosso tempo é vicio generoso e difi-

culcioso.

E dizendo estas palavras, a fol-

gundando para a sala de jantar,

onde, tirando-lhe a larga capa que

de todo a cobria, fomos um chuve-

iro.

— Tudo ! este tremula e fria de

medo ; isto te impõe.

Rosinha medrou os labios e vol-

ton os olhos para Bento e n'uma ex-

presso de agrado.

Era-lhe realmente encantadora !

os seus longos cabellos negros en-  
rulados em hasta trança, rabinho

ao longo das costas ; sobre a

fronte umas flores soltas de cabellu

européias em caprichosas espí-  
ras, os seus olhos de um negro

profundo, brillavam intensamente

e havia nelles uma expressão mixta

de curiosidade e terror. Trazia um

ligeito vestido branco, fechado até

o colo, e apoiado em cinta azul

que tinha de realidade.

Depois, sentando-se em um pe-

queno banco, e com os

olhos voltados para o lado,

— Rosa, tu prova porque vais

passar poder parecer a estranha,

mas é necessaria para que se des-  
venda os segredos que tão curiosa

te tornam. Cognosce em mim ! Estás

disposta a obedecer-me !

— Ordene, Sr. padre, e em que

obedecer.

— Então ouve. Os homens são

quando é quando vêm uma rapariga

formosa como tu, e com os labios

vermelhos e tão quentes como os

teus, gosta de beijar-as assim...

e beijos solframente a boca da

rapariga que, a principio, quiz

oppor certa resistência, mas por

ainda abandonou-se à despicção do

padre.

(Continua).

## PREMIOS DO RIO NU

No nosso penultimo numero foi  
premiado : no *Motte* a concursa,  
*BURUNDANGA* que obteve o pri-  
meiro lugar : na *Motz adunica*

foi Dr. CURINGA que primeiro con-  
seguiu matar todas as questões.

Podem ambos vir no nosso escripto-  
rio receber o premio.

## MOTTE A CONCURSO

Continua aberta esta seccao. Da-  
remos em cada numero duas ver-  
sos que devem ser glossados pela

corrente, obtendo, como pre-  
mio, aquelle que melhor collage-  
rá, em volume a escolher da

Coleção *Poplar Moderna*, editada

pela Heywood Domingos de Maga-  
lhães.

O resultado deste concurso será

sempre publicado com intervalo

de um número, recebendo nós as

glossas até à data da publicação do

numero, intercedendo.

Para a motte —

*Motte assinada a Rosinha*

*Foi subido de barriga*

Recebemos as seguintes glossas :

Era assim pela noitinh

Quando o Jeca o matou,

ta com ele em recato

Mato assassinado a Rosinha.

Dizia o Jeca : « Santinha

Tua recusa me obriga

Usar da força. Uma figura...»

Disse a Rosinha irripieta.

E furendo num careta

Por saibido de barriga.

Porque seria lá vinha  
Rota e manchada, chorando,  
A tremer de quando em quando,  
*Toda assustada e Rosinha.*  
"Que fui!" — disse. E elle assim,  
Com um ar de que tem lindíssima,  
Me disse: *Azurra dumim liga!*  
Entretanto — "Que tens? Nem com pelas?  
— Olá! Vem cá! — Quem te deixa? —  
Foi saudado de berriga.

## SAMPAGUITA.

A polite tombarlo vinha,  
E os dojos me curvamento :  
Cesto de mudaria o Júlio  
Muito assustada e Rosinha  
E tantinho tanto triste.  
A formosa rapariga  
Pois o Júlio grande empolg  
Lhe trouxeu d'um rogar,  
E apesar da vaporosa,  
Foi saudado de berriga.

## MARTIN I

Depois de certa coisinha,  
Passada entre elle e Ventura,  
Vive apertando a estintos  
Muito assustada e Rosinha.  
Mas indiscreta vinha,  
Como todas dumim liga,  
Forçou-lhe tal intriga,  
Que o Rio Nô descoverta;  
Alta noite ninguém via ;  
Foi saudado de berriga.

## SA. BOINA.

A tarde já declinava,  
A no te descedido vinha,  
Vi o te primo beijos dava,  
*Muito assustada e Rosinha.*  
Vendo-me logo a sussinha  
Engoliu de prêto a espiga  
E com a dor, não sei se alga,  
Tanto gentileza contida.  
Que com a espigainda engasgada  
Foi saudado de berriga.

## DR. CURIOSA.

Em casa da prima Anninha,  
Por um acaso encontrei,  
Coisa que nunca esperava,  
*Muito assustada e Rosinha.*  
A gritar a coidadinha  
Fazia pena... que espiga !...  
Talvez fosse alguma intriga  
Arranjada à pobre Rosinha...  
Pois de vergonha e chorosa  
Foi saudado de berriga.

## A. M. NOVO.

Risonha e bem cheirocinha,  
Beijava sobre seu leito,  
Beijava a um certo sujeito,  
*Muito assustada e Rosinha.*  
Ea que sou muito ardilhosa,  
Fiz entre os ombs, uma intriga,  
Que tirei do tal gato ;  
Bassim a bruta esfumado,  
Poteo a poncio se esfumando,  
Foi saudado de berriga.

## DR. GOIANENSE.

Ora, não sejas tolhinha,  
Bem vés que não ha perigo...  
Isto disse ao ver coitinho  
*Muito assustada e Rosinha :*  
E fiz-lhe tanta festinha

Quem ella amava já me obriga  
A que bota lhe aperte a liga  
Que tirava — por gracejo,  
E depondo d'uma ferinha negra  
Foi saudado de berriga.

## ABANILLOS.

Vou confiar o que a vizinha,  
Pois o vitor é da leitura,  
Comungo no crecer,  
Muito assustada e Rosinha.  
Mostrou-me a linda — pertinida  
Pois é pra apertar she a liga,  
Deu-me um trapinho, trancinha,  
Tear a curva costas... então,  
Bom deserto que meus...  
Foi saudado de berriga.

## FRIKI. OLEMO.

Em palestra com a Chiquinha  
Contou, em pratos batidinhos,  
Não ter feito massa, massa,  
*Muito assustada e Rosinha.*  
Mais a assustada a Rosinha  
Disse-lhe logo a sussinha :  
Não sabes tu que todo espigo é...  
Pois o Júlio que o diga,  
Que elle bem sabe porque  
Depois da tropa você  
Foi saudado de berriga.

## H. RICO.

Para o proximo numero oferece  
cenovo seguir n'ro motti :

*Início. Rose afobada*  
e di, meu Deus, que coitadinhos.

As glossas devem vir em items  
escritas de um só leito.

**Só recebemos até sexta-**  
**feira as glossas deste**  
**motti. As que nos chegam**  
**depois, serão inutili-**  
**zadas.**

## NOSSA ADIVINHA

*Hasta mi que mal y pena...*

I  
Estreiga no membro a planta e  
este quadrupedo — 2-1.

## PIRACOTE.

II  
Finque esta mulher que é uma  
flor — 2-2.

## K. C. POUK.

III  
Ali! e amphibio depressa come-  
so — 1-1-1.

## FEIKO VELHO.

IV  
O homem na arte mette o mem-  
bro — 1-2.

## PARASITA

tacte levava-lhe fogo no sangue, já alvo-  
rante... trica ! Meu bem ; deixá i g-meo  
o Azrinha.

A Iasonia levantou-se, seguiu do  
comendador, tornou a caminho da  
jardim que deava bem por baixo  
da jardim do quarto de Albertina.

O luar claro, indelicado, desceu sobre  
tudo, dando os cantelos sonhos  
d'uma felicidade alegre. Na grama delta-  
va indolentemente a rapariga em-  
quanto o Azrinha — satyr em turí-  
preparava-se para sorver solteiramente  
toda a alegria daquelle curte, ria e pa-  
pítante. As duas pernas roligas da  
rapariga, como duas pedras de mat-  
rimônio, n'ro colberto pelo vestido que  
o velho levantava nervosamente irri-  
tado. Outro se um grito depira. Era o  
sinal que naturalmente anunçalhava a  
conscienciam do ermo do Azrinha.

Iasonia, perdeu a virgindade. No  
momento em que se lhe partiu a ca-  
pela de virgem não podera suportar  
n'ro grito que repetia no quarto  
onde se achavam. Persita e Albertina.  
Nós, completamente n'ro e Azrinha  
tradicá naquelle momento a felicidade conjugal, sentiamos a mel-  
hor previsão que podia ser n'ro mistur  
m'ro. Albertina, confusa subiu as  
escadas que o levavam ao quarto onde  
se representava a cena de sua des-

— Deixa sim, eu não conto n'ro a  
ninguém ! Deixa, eu te peço !

— Não, sim !

E o Azrinha, cuja a vergonha se transfor-  
mava em tempestade, agarrou-a pela  
cintura e a empurrou na cama.

A Iasonia resfoi n'ro.

— Não, não !

— Sim ! Olha como ouviste !

E o comendador agarrando n'ro in-  
da rapariga collocou-a sobre a cama e  
quebrou da calan.

A Iasonia agarrou-a aquela con-

V  
A canção faz o sentimento do  
cantor — 2-1.

## A. A. NATTO.

VI  
Na musica tem um perfeito pa-  
ntro — 1-1.

## D. VASCO.

VII  
A Mulher e esta planta fazem  
uma fraca — 2-2.

## CHARME.

VIII  
No principio e no fim não dan-  
tinha se homens — 1-1-2.

## P. LINDO &amp; C.

X  
CHARADAS A VAPOR

A's direitas vir no matto  
Que logo podas vir ver  
A' esquerda bem depressa  
O engador pôde fazer.

## LAMBE &amp; SOCA.

XI

A's direitas caro leitor  
Medida vues encontrar  
A' avessa tempo de verbo  
Com certezza vues achá.

## FRANC. PIPI &amp; C.

XII  
CHARADAS ANTIGAS

A primeira é bella fructa — 2  
E se dou Beijo contente, — 1  
88 por salor, que a semeia — 1  
N'ra anda assim tão docente.

O conceito que vues dou  
E' facilissimo vues ver,  
Pois uns poenas são belas ;  
E' um passar pôde crer.

## CHA PELETA.

XIII  
PERGUNTAS E RESPONTAS

O que é? O que é?

Que tendo cabeca redonda fura  
sempre ?

## DR. CURIOSA.

IX  
LOGOGRAPHO-PREPARETO-  
RILHO

(A. C. BENTO)

No português, a ante verbo detinhamos  
14 — 15 — 16 — 15 — 11

Na aritmética, este numero é :

5 — 10 — 7 — 1.

Na História, este general foi vencido —

5, 10, 12, 17, 7, 4.

Na geografia, esta cidade encontramos :

4 — 10 — 2 — 8.

Decifradores e decifradoras de  
n.º 57 :

Propõemnos 14 questões, cujas

descifradores são as seguintes :

1º Astragalida, 2º Calceolaria, 3º Scur-

baculo, 4º Bermejela, 5º Clerodendro,

6º Fegat, 7º Idiota, 8º Melofila,

9º Tala, 10º Vergatula... carota, 10º

Panx. 11º 3º rios ilustrar caligro

quinto eterno grifado, 12º Saracata,

13º Francisco, 14º Fiel.

Decifratur :

Dr. Curiuso 14. Cha Peleta 14.

Um. Pau 14. Detro. Junior 13. Myo-

Na festa, é retratado no tem podre — 17  
x 3 - 4.

No franz, e este éste respiro — 9

13 - 4 - 12.

No ingles, n'lo que descriptivo — 14

14 - 3 - 1.

No árabe, a este signal em seu nome —

Na 12 - 1 - 12 - 12.

O conceito vos dou a vossa, marom... — 9

E, creio, infar, que lhe bastaia.

Se n'ro dicas mais, E' anel... — 8

— Pede-se a curioso a descrição de  
muitas as decifradas das suas  
charadas misteriosas.

sais 14, H. 17, Pavento 12, A. A.

Natice 13, G. O. Poeta 14, Thelon 15,

Chiruca 16, Chiquinho 4, Roivas

17, Valente de outas 17, Cesca

gas 18, Cunha 13, Cha Minet 11,

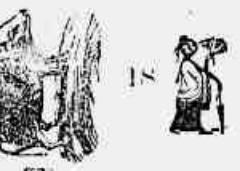
Pedro 14, Frei Barbosa 11, Frei

Gomes 12, Frei Cheiro 11, Frei K.

Óliver 7, K. H. 2 - 8.

— Pede-se a curioso a descrição de  
muitas as decifradas das suas  
charadas misteriosas.

## QUEBRA-CABEÇAS



18



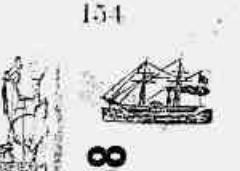
380



467



154



58



Procurai com atenção

E com raro habilidade,

O bicho que n'ra seio

Tras hoje a felicidade.

sois no interior da gata da chueira  
do Paraiso, no jardim que tu sentias

Deus veio a delegado e foram  
entregar todos vossos vites como milionários  
dos segredos. Chegaram, que foram ao local da seio já estava tudo

sentado.

O delegado depois das formalidades  
leigos chegou a conclusão de que già

aveva sido todo. Tudo, p'ro chilhão !

Entretanto Iuera havia desmontado

no quarto de Albertina e tingendo sa-  
bia, a n'ro ser Penido, que ella faria

deformar p'ro comendador.

N'ro delegado, empurrando se progra-  
vara a cama para o chilhão e com

certeza entrou em quarto com

Penido, ficando assentado que o dello

mento do bento não aparecesse

naquele.

Mais hora depois seguiam todos de

p'ra a cama a chueira do Paraiso, visto

como se intuía de negocia de familia,

e o Penido, affirmar que o ferbusto

que trazia fôr o ferbusto — quando

despertava com o comendador. As

cheiram, e o Azrinha pediu para

fumar no Penido em particular.

Sentaram-se ambos no chilhão. Os cri-  
ados comentavam ridicamente o

caso, e preparam-se a fumar para o

bastar.

O comendador, ligamente con-  
vivido, comecou:

(Continua).

**QUINTO CONCURSO**

Resguardos de direitos pertencentes devidamente ao concurso que se realiza para trabalhos em versos fábulas em prosa. Os trabalhos em prosa nenhuma devem exceder um número de dezena folhas nem ter inferiores a quarenta. Os em verso nem mais de setenta e uma linhas de dizer. Deve-se entregar duas dobras trabalhos classificados em primeiro lugar pelos juízes (que farão o seu juizamento) e um troço de ouro, e quem mais puxar, entre os que fizerem o mesmo, terá o direito de receber um troço de prata.

**VINTE MIL REIS**

Todos os vintes devem ser assinados com uma pseudónimo e nome verdadeiro fechado, a parte, ficando aberta uma declaração de pseudónimo do verdadeiro nome do autor, resguardado o direito de trabalhos, na parte externa da carta.

Os trabalhos publicados só podem ser reembolsados quando respondidos os correspondentes que abrigaram os devidamente e que não sejam mais dezena folhas nem mais de setenta e uma linhas de dizer.

Concede-se o prêmio maior destes três quartos, podendo conferir a justiça que seja procedimento independente.

Assim, ficando o concurso encerrado, que será encerrado no dia 31 de outubro, tornando pelo juiz que receberá dos organizadores.

Para colaboradores das Estatutas serão respeitadas as normas de escritura do extrato.

**PORTARIA**

Aquelas pessoas que neodestinarem com sua colaboração, fazendo notar outra vez que só nos

servem o que tiver malícia em sua obscuridade. Não publicamos pedidos de nomes invenções.

As colunas de nosso jornal são, entretanto, livres, mas dentro da colaboração que nos for enviada, reservamo-nos o direito de fazer a nossa escolha.

A todos quanto queiram fazer qualquer reclamação pedimos o especial desagrado de vir ao nosso escriptorio, pois que é para nós completamente impossível responder à grande quantidade de cartas recebidas.

**ANNUNCIOS****CHARUTARIA CÂSTELLOES**

Única que recebe cigarros  
S. Luiz do Parahytinga;  
Barbacena (Vale);  
Espirito-Santo do Pinhal;  
Baependy;  
Sítio;  
Borboreta.

**DEPÓSITO DOS CIGARROS ITATIAYA**

GUIMARÃES & C.  
71 Largo do Rosário 71  
PAULO

**CONTOS PARA VELHOS**

DE

**BOB**

Um elegante volume com capa  
ilustrada a duas cores

**28000**

Romances a 1\$000

PAULO DE KOCK

Gustavo, o Estroina, A Dama dos Três Espartilhos  
A Menina das Três Sainas, A Procura da Noiva.

ANSELMO RIBAS

**A SEARA DE RUTH**

PAUL FÉVAL

**A CREOULA**

JULIO MARY

**Paixão e Odio**

H. P. ESCRICH

**A VISINHA DO POETA****MAGDALENA**

ALEXANDRE DUMAS

**VINGANÇA CORSA**

PAULO DE KOCK

**OS SETE BAGOS DE UVAS**

A Vereda das Ameixas

TEIXEIRA E SOUZA

**Maria, a menina roubada**

A venda no escriptorio desta folha

# CERVEJARIA BRAHMA

## FRAZISKANER BRÄU

## CERVEJA PILSENER

Rua Visconde de Sapucahy Ns. 140, 142 e 144

Caixa do correio n. 1.205

Telephone n. II

Temos a satisfação de participar aos nossos fregueses e amigos que as construções novas para aumento de nossa fábrica estão terminadas, podendo nós de ora em diante TRÍPLICAR A PRODUÇÃO da cerveja, a qual continuará a ser bem depositada nas Camaras frigoríficas durante cerca de dez semanas.

Em base do acima citado podemos recomendar como cerveja superior as nossas marcas "Franziskaner Bräu e Cerveja Pilsener", em barris automats, garrafas e caixas de 48 inteiras ou 72 meias garrafas para exportação para o interior.

Pela maior produção estamos igualmente habilitados a trabalhar mais em conta e conceder maiores vantagens nos preços, resolvendo então fixar de hoje em diante a seguinte tabella:

**POSTO EM DOMICILIO**

Cerveja em barris (chopp) litro, incluindo o sello.....	\$800
" Automats " " " " "	\$900
25 garrafas Franziskaner Bräu incluindo o casco e sello.....	23\$000
50 " " " " "	46\$000
100 " " " " "	90\$000
200 " " " " "	170\$000
500 " " " " "	420\$000
1000 " " " " "	810\$000

Meias garrafas em qualquer porção  
de 25 para cima a 600 réis cada uma (incluindo casco e sello)  
Pelas garrafas vazias pagamos:

Por garrafas ou meias garrafas com o nosso rotulo..... 150 réis  
Por garrafas ou meias garrafas lisa e clara sem o nosso rotulo..... 130 "

Rio de Janeiro, em Janeiro de 1899.

GERG MASCHKE C.

**PIANOS DE PLEYEL**

Bord, H. Herz, Kuhse, Gaveau, Schiedmayer,  
Rosenkranz e outros autores

VENDEM-SE POR PREÇOS MODICOS

Antigo Estabelecimento de Pianos e Músicas

**Manoel Antonio Guimarães**

SUCCESSOR DE BUSCHMANN, GUIMARÃES &amp; IRMÃO

Unico importador dos verdadeiros pianos  
de Julius Bluthner

50, Rua dos Ourives 52.

VENDAS GARANTIDAS

**CÂNCONETAS A 200 Réis**

A Missa Campal — Do  
Mesmo Lado — A rit... A rit...  
Assim... Assim — O Pão Fresco  
As Minhas Collegas — O  
Meu Amigo Banana — Os  
Phosphoros — Brincadeiras  
Si Eu Fosse Rapaz — Nem  
Eu Nem Ella — Os Suspiros  
— Ora... Toma... Mariquinhas  
— O Calado... Melhor — A  
Banana — Descarrilar — Do  
Outro Lado — Enganos —  
A Minha Família — O Chefe  
d'Orchestra — A Gargalhada.

A venda no escriptorio  
desta folha.

**LOTERIA DA CARIDADE**

Quinta-feira 26 do corrente

POR \$800 4:000\$000 POR \$800

Esta loteria, fiscalizada pelo Exm. Sr. Dr. fiscal da  
União e pelo do Estado, tem garantia dos prémios  
pelo Estado, nos termos do decreto federal n. 2.413, de 26 de  
dezembro de 1896, e mais caução do Thesouro Federal de  
40:000\$ em apólices. As extrações serão feitas na agência  
geral, a rua de S. José n. 113, às 4 1/2 horas da tarde.—

A. CAMPOS &amp; C.

A público.—As máquinas podem ser examinadas  
antes e depois das extrações.

O agente em Rio de Janeiro, GUIMARÃES &amp; VIANCONCILLOS.